

uff Universidade Federal Fluminense

Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Curso de Graduação em Ciências Sociais

VITOR DIEGO RODRIGUES

Educação Já:

Uma proposta hegemônica empresarial para a educação brasileira

- Niterói, 2021 -

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Curso de Graduação em Ciências Sociais

VITOR DIEGO RODRIGUES

Educação Já!

Uma proposta hegemônica empresarial para a educação brasileira

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura.

Orientador:
Prof. Dr. José Rodrigues

- Niterói, 2021 -

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Curso de Graduação em Ciências Sociais

VITOR DIEGO RODRIGUES

Educação Já!

Uma proposta hegemônica empresarial para a educação brasileira

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof.^aDr.^a Tatiana Poggi
Universidade Federal Fluminense

.....
Prof.^a Dr.^a Fernanda Ferreira Montes
Universidade Federal Fluminense

.....
Prof. Dr. José dos Santos Rodrigues
Universidade Federal Fluminense

RESUMO

Este artigo disserta acerca do neoprodutivismo por trás de uma organização que se dispõe a inserir, por meio de um movimento hegemônico, as percepções desse grupo na educação. Nosso objetivo é analisar os interesses desse empresariado que compõe o Todos Pela Educação e como suas ações influem na educação brasileira. O Todos Pela Educação é uma ONG que se caracteriza por tentar disputar a hegemonia num espectro nacional e, por meio da sua nova iniciativa, *Educação Já*, lançada em 2018, essa disputa se aprofunda, dado que essa representa uma tentativa para acelerar o processo de empresariamento da educação no período que corresponde a 2019-2022. A metodologia deste artigo se baseia globalmente na teoria gramsciana, em especial nos conceitos de hegemonia e Aparelho Hegemônico Privado (ApH). Ademais, usufruiremos da concepção crítica do Capital Humano proposta por Gaudêncio Frigotto e das noções pedagógicas elaboradas por Dermeval Saviani. O documento utilizado para análise foi o *Documento Técnico de 2018 Educação Já*. No artigo, concluímos que, por um processo hegemônico levado pelo neoprodutivismo, a educação brasileira entra em um curso mais elaborado em direção ao capital com o Todos Pela Educação, por meio da iniciativa *Educação Já*. Em síntese, as pedagogias do capital expressadas pelo TPE com o *Educação Já* acabam por definir as direções que a educação passa a ter entre 2019 e 2022.

Palavras-chave: Todos pela Educação; Educação Já; Educação tecnicista.

ABSTRACT

This article discusses the neo-productivism behind an organization that is willing to insert, through a hegemonic movement, the perceptions of this group in education. Our objective is to analyze the interests of the businessman that make up Todos Pela Educação and how their actions carry the Brazilian education. Todos pela Educação is an NGO that is characterized by trying to dispute hegemony on a national spectrum and, through its new initiative, Educação Já, launched in 2018, the dispute deepens, as this represents an attempt to hurry the process of business community of education in the period corresponding to 2019-2022. The methodology of this article is globally based on Gramscian theory, especially on the concepts of hegemony and the Private Hegemonic Apparatus (PhA). Furthermore, we will take advantage of the critical conception of Human Capital proposed by Gaudêncio Frigotto and the pedagogical notions elaborated by Dermeval Saviani. The document used for analysis was the Technical Document of 2018 - Educação Já. In the article, we conclude that, through a hegemonic process led by neoproductivism, Brazilian education enters a more elaborate course towards capital with Todos Pela Educação, through the Educação Já initiative. In summary, the pedagogies of capital expressed by the TPE with Educação Já end up defining the directions that education will take between 2019 and 2022.

Keywords: Todos Pela Educação; Educação Já; Educação Tecnicista;

Introdução

O empresariado brasileiro atua dentro do campo da educação há algum tempo. Essa atuação acontece de maneira dispersa por meio de iniciativas individuais durante parte do século XX e a, partir do século XXI, novas tendências surgem. No percurso dessa atuação, uma dúvida sempre paira sobre o campo: quem é esse empresariado?

A questão da educação no Brasil é objeto de estudo em diversas ciências e que suscite dúvida e, portanto, pesquisa sobre seus processos – também é a educação um setor de extrema relevância em termos de lucratividade e disputa ideológica num contexto de luta de classes. O desejo pela pesquisa nos evidencia um objeto do qual durante alguns anos, pelo menos desde 2007, oficialmente, atua por trás da composição de uma educação brasileira, sob a insígnia *Todos Pela Educação* (TPE).

O Todos Pela Educação apresenta-se como uma organização da sociedade civil, suprapartidária e sem fins lucrativos que visa impulsionar a qualidade e a equidade da educação básica no Brasil (TODOS PELA EDUCAÇÃO: 2006, 2007; 2019; 2020; 2021). Em sua apresentação, lê-se:

O Todos Pela Educação não é um projeto de uma organização específica, mas sim um projeto de nação. É uma união de esforços, em que cada cidadão ou instituição é corresponsável e se mobiliza, em sua área de atuação, para efetivar o direito a uma educação pública de qualidade para que, em 2022, bicentenário da Independência do Brasil, todas as crianças e jovens tenham acesso a uma educação Básica de qualidade, capaz de prepara-los para os desafios do século XXI” (TODOS Pela Educação: 2013, p. 5)

O Todos Pela Educação é uma Organização Não Governamental (ONG) formada por um grupo de industriais, empresários, personalidades públicas e fundações que se aglomeram e atuam na educação com propostas de mudanças diretas no sistema de ensino. Entre outros, estão por trás da insígnia os grupos Gerdau, RBS, DPaschoal, Suzano Papel, SESC, ITAÚSA, SYNERGOS e o Instituto Ayrton Senna que funcionam como membros-fundadores e atuam diretamente nas decisões do grupo (TODOS, 2021). Portanto, ao situarmos o TPE enquanto um conglomerado de empresas que se organizam sob uma bandeira e tentam delimitar e definir a educação brasileira – e também o reforço de uma ideologia que corresponde a implantação de uma cultura de metas (TODOS, 2006) que seriam *batidas* até 2022 – sua função militante entra em evidência por meio da disputa hegemônica das políticas de educação.

Em Gramsci (2006), ninguém é desorganizado e sem partido, desde que se entendam organização e partido num sentido amplo, e não formal. Segundo Rejane Hoeveler (2019), o aparelho hegemônico é entendido como uma sociedade particular (formalmente privada), que se torna o correspondente do aparelho governativo-coercitivo. A autora aponta também que a ideia de aparelho hegemônico aparece como um indicativo de um “novo terreno ideológico”, que afirma uma reforma filosófica, uma “nova consciência do mundo”. Portanto, é imperioso pensar nas formas que o neoliberalismo pode se traduzir na atuação dos aparelhos privados de hegemonia (ApHs) por meio de organizações não governamentais (ONGs) e fundações.

Nesse sentido, o Todos Pela Educação age precisamente como um aparelho privado de hegemonia ao elaborar e executar projetos, elaborar relatórios, entre outras iniciativas e, por meio desses instrumentos, exercer pressão política sobre o governo e o parlamento, buscando influenciar o conjunto da sociedade na defesa de um modelo de educação articulado a um “projeto de nação”.

É preciso destacar que sendo, em nossa perspectiva, um conglomerado organizativo e um projeto de nação, o TPE confirma uma disputa hegemônica sobre a educação brasileira, que acontece há pelo menos 30 anos¹.

Para o TPE, trata-se de ter um projeto de nação e dar a ver a todos o papel estratégico da educação de qualidade na sua consecução (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2006a, p. 25). Esse conglomerado considera ainda que a má qualidade da educação é o “verdadeiro exterminador do futuro de milhões de crianças e adolescentes em todo o Brasil” (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2006b, p. 9).

Outro aspecto relevante na atuação do TPE é o reforço de uma ideologia que corresponde à implantação de uma chamada “*cultura de metas*” (TODOS, 2006). Com efeito, o TPE estabeleceu “5 bandeiras”, que deveriam ser *batidas* até 2022: 1) a necessidade de um currículo nacional; 2) valorização dos professores; 3) fortalecimento do papel das avaliações; 4) responsabilização dos gestores; 5) melhora das condições para aprendizagem (TODOS, 2010)².

¹ Ver SAVIANI (2018), RODRIGUES (2007)

² Para acesso às 5 recomendações; ver TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2010. Disponível em <<https://todospelaeducacao.org.br/categoria/biblioteca/estudos/estudos-e-pesquisas/5-metas-do-todos/>>

O que pode caracterizar o Todos Pela Educação como um ApH relativamente bem-sucedido é que o governo federal, durante o período Lula (2002-2010), batizou o Plano de Desenvolvimento da Educação como “Compromisso Todos Pela Educação”³. Cabe destacar que o então ministro da educação Fernando Haddad (2005-2012) é um dos membros fundadores do TPE, assim como Cristóvão Buarque, que o imediatamente havia antecedido no MEC.

Faltando cerca de 4 anos para encerramento do prazo para cumprimento das 5 metas estabelecidas pelo TPE para a educação brasileira – em um contexto de crise política, desencadeada desde a posse do segundo governo Dilma Rousseff, que culminou em seu *impeachment*, em 2016⁴, e, posteriormente, a iminência de um governo que teria como bastião uma atenção especial na educação para reafirmar a necessidade de *mais matemática, ciências e português*, sem doutrinação e sexualização precoce⁵, como apontado no plano de Governo de 2018 do então eleito, Jair Messias Bolsonaro – era tempo de se apressar e relançar a proposta de educação baseada no aprofundamento do capitalismo no Brasil. Com efeito, em 2018, de forma a relançar as já mencionadas 5 bandeiras/metad, o TPE lança a sua nova ofensiva contra a educação brasileira – o *Educação Já*.⁶

O conglomerado empresarial do TPE, *Educação Já*, apresenta 7 recomendações, que delineiam todo o projeto: 1) reestruturação das regras de governança e melhoria da gestão; 2) financiamento mais redistributivo e indutor de qualidade; 3) efetivação da base nacional comum curricular nas redes de ensino; 4) profissionalização da carreira e formação docente; 5) primeira infância como uma agenda intersetorial; 6) alfabetização em regime de colaboração; 7) nova proposta de escola no ensino médio (TODOS, 2020).

Nesse ínterim, o objetivo deste artigo é fazer uma análise crítica e documental, visando compreender a iniciativa do conglomerado Todos Pela Educação, disponibilizada por meio do documento técnico que, em 2018, apresenta o “*Educação Já*”.

Para o desenvolvimento da análise, este artigo se utiliza dos conceitos de *hegemonia* e de *aparelho privado de hegemonia*, estabelecidos por Gramsci de (2006), da crítica da

³ BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br>>.

⁴ Muitos analistas políticos caracterizam o *impeachment* da presidente Dilma, em 2016, como um golpe político-institucional. Ver, por exemplo, Marcelo Badaró Mattos (2020), *Governo Bolsonaro – neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*.

⁵ Plano de governo. Acesso em <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf>

⁶ *Educação Já!* – Uma proposta suprapartidária de estratégia para a Educação Básica brasileira e prioridades para o Governo Federal em 2019-2022

teoria do capital humano, de Frigotto (2008), além dos conceitos *tecnicismo*, *neotecnicismo*, *pedagogia das competências* e *neoprodutivismo* (SAVIANI, 2019).

2. As pedagogias do capitalismo: o capital humano, tecnicismo e neotecnicismo

A Teoria do Capital Humana (TCH) corrobora oportunamente uma das tendências do capitalismo para a educação no século XX. Gaudêncio Frigotto desenvolveu um trabalho dedicado à crítica dessa perspectiva teórica, que se define enquanto um dos elementos explicativos do desenvolvimento e da equidade social (FRIGOTTO, 2001, p. 38). O período em que a TCH é sistematizada enquanto tal se localiza em meados dos anos 1960, com a publicação de *O capital humano*, de T. Schultz. Segundo Frigotto, a TCH apresenta a educação como principal componente do “capital humano”, já que é concebida como produtora de capacidade de trabalho, potenciadora do fator trabalho (2001, p. 40).

Para Frigotto (2001, p. 41-42), a TCH tem uma configuração em que a tese central dos chamados recursos humanos tem em sua retórica a ideia de que o investimento que uma nação faz nesse setor, acabe por gerar retornos. Também Frigotto (2001, p. 41-42) aponta que a vinculação da TCH à educação, acontece por alinhar imediatamente a educação ao desenvolvimento econômico e à distribuição de renda. Segundo Frigotto (2001, p.41-44), a nível macroeconômico, a educação se torna um instrumento que explicaria e determinaria a eficácia do desenvolvimento econômico de um país. Já a nível microeconômico o autor apresenta:

O suposto básico microeconômico é de que o indivíduo, do ponto de vista da produção, é uma combinação de trabalho físico e educação ou treinamento. Supõe-se, de outra parte, que o indivíduo é produtor de suas próprias capacidades de produção, chamando-se, então, de investimento humano o fluxo de despesas que ele deve efetuar, ou que o Estado efetua por ele, em educação (treinamento) para aumentar a sua produtividade. (FRIGOTTO, 2001, p. 44)

Nesse sentido, podemos resgatar também a interpretação de Frigotto (2001), que denota um caráter limitado para a noção de capital humano e, por consequência, do neotecnicismo, já que esse, por sua vez, aparece como um desenvolvimento do mesmo.⁷ Segundo Frigotto, a partir de uma análise histórica, as desigualdades de classe que são sustentadas pelos países do centro-hegemônico e o acesso desigual a um conhecimento desigual para os filhos da classe trabalhadora explicitam o contrário do exposto do defendido

⁷ Trataremos disso mais adiante.

pelo neotecnicismo. Portanto, se em um momento um léxico em torno de um possível capital humano fora montado, esse mesmo acaba por se destituir de análise histórica e material – aspecto fundamental na compreensão da própria análise sociológica.

O modo de produção capitalista sofreu diversas mutações ao longo do século XIX e XX. O taylorismo e o fordismo⁸ surgem a partir das fábricas e fazem com que o modo de produção exproprie da classe trabalhadora os conhecimentos típicos do assim chamado artesanato. Com as fábricas, a produção passa a ser mais fragmentada, mecanizada e tem nas indústrias de automóveis o seu ápice de produção em grande escala no início do século XX. A implementação de uma gerência científica fundamentada por Frederick Winslow Taylor (1856-1915) tinha como propósito central aumentar a eficiência dos trabalhadores por meio da implementação de regras e procedimentos. A principal característica da teoria fundamentada por Taylor era o total controle das etapas de produção de uma fábrica e erigindo uma burocratização e também uma racionalização do processo de produção (Chiavenato, 2003).

O outro modelo de produção que surge no período que compreende o fim do século XIX e início do XX é aquele desenvolvido por Henry Ford na *Ford Motor Company*, empresa da qual era fundador e dono. Ao adaptar a teoria de Taylor em suas empresas, Ford traz uma inovação – a linha de montagem – que passa a contar com a especificação de que o trabalhador passa a exercer somente uma função na produção de carros. Segundo Antunes (2009, p. 38-39), os dois modelos de produção – *taylorismo-fordismo* – baseavam-se na produção em massa de mercadorias, a partir de uma produção homogeneizada e verticalizada que se estruturou na perda da destreza do trabalhador. A aceitação dos trabalhadores das práticas fabris do *taylorismo-fordismo* se deu até meados dos anos de 1960, quando os trabalhadores estadunidenses acabam por se revoltar contra as práticas desse tipo de organização. Contudo, tal ruptura “econômica que não foi suficiente para se converter num projeto societal hegemônico contrário ao capital” (Antunes, 2009, p. 46). Mais adiante, como veremos, em seu lugar, se erguerão os métodos de produção toyotistas, uma resposta aos limites do fordismo.

A concepção pedagógica tecnicista tem como base a neutralidade científica e é inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, como aponta Saviani (2018, p. 381). Esta pedagogia é uma ideologia que se confunde com a história do

⁸ Para mais, o livro de Thomás Gounet, “Fordismo e Toyotismo na civilização do automóvel”; São Paulo: Boitempo, 1999.

capitalismo, já que seus pressupostos atendem à dor causada pela burguesia nas linhas de montagem fabris, só que agora, na educação brasileira. Essa atende o período que se confere na história do Brasil entre os anos de 1960 e 1980, portanto, compreende o período da ditadura empresarial-militar⁹. O autor tende a explicitar o caráter dessa prática enquanto uma pedagogia do aprender a fazer:

Considerando que o sistema comporta múltiplas funções às quais correspondem determinadas ocupações; que essas diferentes funções são interdependentes de tal modo que a ineficiência do desempenho de uma delas afeta as demais, em consequência, todo o sistema; então cabe à educação proporcionar um eficiente treinamento para a execução das múltiplas tarefas demandadas continuamente pelo sistema social. (SAVIANI, 2018, p. 383)

As escolas, no período em que a ditadura empresarial-militar vigorou, foram remodeladas e pensadas a partir de uma lógica voltada à produção do fazer. A lógica é a de uma adaptação do fazer-fábrica para atender à produção em massa exigida pelo capitalismo, só que articuladas ao pensamento pedagógico. Essa adaptação visibiliza um início do processo que produz a fragmentação do pensamento, uma demanda pelo saber técnico e entrelaça aos moldes do capital o pensamento curricular no período da ditadura empresarial-militar.

O século XX é marcado por mudanças substanciais no modo de produção. Também é um século marcado por guerras, revoltas e revoluções – como a Revolução que culminou na União Soviética.¹⁰ Ao longo das décadas no século XX – algumas grandes crises aconteceram, dentre uma delas a de 1929, que expunham a fragilidade do capitalismo. E com essas crises, é de se perceber as mudanças estruturais no modo de produção.

As metamorfoses do capitalismo ao longo do século XX acabam por desenvolver uma fase rebuscada no período que compreende o final do século. O toyotismo ou modelo japonês elucidada uma das metamorfoses do modo de produção. Segundo Antunes (1999), houve uma necessidade de transformação decorrente da própria concorrência intercapitalista (num momento de crises e disputas intensificadas entre os grandes grupos transnacionais e monopolistas). O surgimento do *toyotismo* se deu na *Toyota Motor Company* e foi idealizado por Taiichi Ohno. O método de organização da produção e do trabalho apareceu para enfrentar os problemas econômicos que o Japão enfrentava no pós-guerra (PINTO, 2007). Para o modelo japonês, que se inicia no final da década de 1960, as características que o

⁹ A concepção de ditadura empresarial-militar é apresentada por diversos autores, dentre os quais: KONDER (2020), ANDES (2019) e VASCONCELOS (2019).

¹⁰ A obra “História da Revolução Russa”, de Leon Trótski é uma obra indicada para estudos mais aprofundados.

fundamentavam eram categorizadas enquanto 6 princípios: 1) crescimento da demanda; 2) combate a qualquer tipo de desperdício; 3) flexibilidade do aparato produtivo; 4) instalação do método *kanban*; 5) diversificação dos produtos; e 6) terceirização da produção (Gounet, 1999, p. 26.).¹¹

O toyotismo impacta diretamente o sistema capitalista a partir de sua expansão e, segundo Harvey (1992), a acumulação flexível passa a ser a categoria que estrutura o capital a partir do modelo de produção nipônico. A partir daí, a rigidez fordista-taylorista agora dá lugar à flexibilidade dos processos de trabalhos. Para Harvey (1992), é perceptível que a condição pós-moderna, elucidada no método de produção capitalista flexível, acaba por redundar na fragmentação da classe trabalhadora e na intensificação do trabalho. Desse modo, a produção capitalista assume uma forma flexível e que se sustenta na exploração *silenciosa* da dor das classes trabalhadoras, já que, a partir do toyotismo as demandas emanam uma forma silenciosa de sofrimento silencioso e que se baseia na acumulação de funções e uma exploração mais agressiva dos trabalhadores. Portanto, é primorosa a definição em que Harvey traz ao modo de produção gerido pelo toyotismo enquanto um modo para a dor.

A concepção pedagógica do neotecnicismo surge em meio às mudanças e transformações causadas pelas mudanças do modo de produção capitalista. Para Saviani (2018, p. 429-430), na medida em que as mudanças configuradas pelo toyotismo tomam corpo, novas concepções pedagógicas são percebidas, a partir da década de 1960, mas com um grande aprofundamento entre os anos de 1991 e início dos 2000, dentre elas destacando-se a neotecnicista.

Redefine-se, portanto, o papel tanto do Estado como das escolas. Em lugar de uniformização e do rígido controle do processo, como preconizava o velho tecnicismo inspirado no taylorismo-fordismo, flexibiliza-se o processo, como recomenda o Toyotismo. Estamos, pois, diante de um neotecnicismo: o controle decisivo desloca-se do processo para os resultados. É pela avaliação dos resultados que se buscará garantir a eficiência e produtividade. E a avaliação converte-se no papel principal a ser exercido pelo Estado, seja mediatamente pela criação das agências reguladoras, seja diretamente, como vem ocorrendo no caso da educação. (Saviani, 2018, p. 439)

Portanto, Saviani (2018, p. 440-441) aponta a criação de um novo vocabulário que pressupõe eficiência nas práticas pedagógicas na educação brasileira, entre os anos 1991 e 2001. Com o neotecnicismo pedagógico, as disputas hegemônicas consumam-se na criação

¹¹ Para mais, ver GOUNET (1999), ANTUNES (1999) e HARVEY (1992)

de diversas entidades que preconizam um modelo empresarial para a educação. Saviani aponta que a adoção do modelo empresarial na organização e no funcionamento das escolas, as próprias empresas progressivamente se convertem em agências educativas. E é com essa conversão baseada na flexibilidade que uma pedagogia voltada às competências do capital acaba por se confundir com o neotecnicismo.

3. A iniciativa sistematizada do *Educação Já*

A iniciativa *Educação Já* foi concebida pelo TPE, em 2018, e o documento de lançamento da iniciativa pode ser encontrado no site dessa organização¹². A estrutura da ação *Educação Já* é montada a partir de um primeiro documento técnico lançado em 2018 e em relatórios lançados anualmente e disponibilizados por meio do *site* do TPE. Até setembro de 2021, o TPE disponibilizou os seguintes relatórios:

- 1) 1º **Documento Técnico *Educação Já*** – O documento fundador das recomendações do *Educação Já*
- 2) 2º **Relatório Anual de 2019** – Que disponibiliza o balanço feito pelo *Educação Já*, em 2018.
- 3) 3º **Relatório Anual de 2020** – Que dispõe do balanço feito pelo *Educação Já*, em 2019.

O Todos Pela Educação, por meio de seu *Documento Técnico do Educação Já* traz em seu sistema uma visão que compreende acelerar e aprofundar **4 metas** do Todos Pela Educação. São elas:

Meta 1: Toda criança e jovem de 4 a 17 anos na escola.

Meta 2: Toda criança plenamente alfabetizada até os 8 anos.

Meta 3: Todo aluno com aprendizado adequado à sua série.

Meta 4: Todo aluno com o ensino médio concluído até os 19 anos

Dentro da gama do documento técnico *Educação Já* – que é o analisado neste artigo, há uma organização central que envolve o caráter hegemônico e que se volta à produção das pedagogias do capital. Por trás da produção do documento técnico, estão envolvidos atores que representam os interesses do empresariado na educação brasileira. O TPE apresenta 3

¹² Para o acesso na íntegra: <<https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2020/09/Grafica-07-02-2020.pdf>>

eixos¹³ centrais que contém um total de 12 diretrizes em seu documento técnico *Educação Já*, sendo os eixos os seguintes:

Eixo 1: Fatores Intraescolares

Eixo 2: Viabilizadores em nível de sistema

Eixo 3: Fatores Extraescolares.

Os eixos assim apresentados no Documento Técnico disponibilizam um panorama central para que as metas estabelecidas pelo Todos Pela Educação sejam alcançadas no plano vigente, ou seja, dentro do período 2019-2022. E com esses eixos, o conglomerado organizativo define uma pressão, por meio de sua “cultura de metas”, nos governos que assumem a gestão do Executivo Nacional, a partir de 2018. Portanto, o TPE assume uma configuração sistêmica que convém criar uma agenda a nível nacional para a educação:

[...] se avançar em uma agenda de reformas e medidas transformadoras, na qual as políticas educacionais precisam estar inseridas. Isso se torna ainda mais importante, ao considerarmos que o início de novos mandatos usualmente traz oportunidades significativas para a adoção de ações estruturantes. (TPE, 2018, p. 15.)

O *Educação Já* é uma iniciativa que, dentro do Todos Pela Educação, tem um sistema arquitetado de maneira a articular as metas, eixos, diretrizes, recomendações, sendo essas são guiadas por princípios.¹⁴ Ao imbricarmos os arquitetos dessa iniciativa, é preciso perceber que esses são empresas que compõem o interesse em ditar as regras para a educação, a partir dos interesses do Capital. Com efeito, os membros fomentadores da iniciativa, não necessariamente os mesmos do TPE, são a Fundação Itaú para Educação e Cultura, a Fundação Lemann, a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, a Fundação Roberto Marinho, a Fundação Telefônica Vivo, o Instituto Natura, o Instituto Península, o Instituto Sonho Grande, o Instituto Unibanco, o Movimento Colabora Educação, o Movimento Pela Base, o Movimento Profissão Docente.

Então, o **Todos Pela Educação** passa a ser configurado da seguinte maneira: há metas a serem batidas e que constituem a formação de uma cultura de metas. Para além disso, o *Educação Já* traz em sua forma princípios que servem como guias prolongados a serem seguidos a longo prazo com as metas em vista, por fim, os eixos que são apresentados no

¹³ Para mais, ARAUJO, NASCIMENTO (2018)

¹⁴ Para mais <<https://todospelaeducacao.org.br/educacao-ja/>>

Educação Já trazem a organização sistemática da iniciativa, ou seja, a partir dos eixos os pontos são levados a discussão prática.

O *Educação Já* apresenta, como já foi mencionado, uma série de recomendações. Analisemos primeiramente as seguintes:

Recomendação 3. “Oferecer apoio e incentivo às redes de ensino para a implementação da BNCC da educação infantil e do ensino fundamental, de modo a garantir a oferta de recursos e programas pedagógicos essenciais em todas elas.”

Recomendação 7. “Avançar as discussões e definições já em andamento sobre a reorganização do ensino médio (mantendo a diversificação curricular, maior articulação da formação técnica e profissional e ampliação da carga horária) e apoiar Estados na implementação das mudanças estabelecidas.”

O TPE, por meio da recomendação 3 do *Educação Já*, reafirma e pressiona em sentido específico a concretização da meta 2, que visa ter toda criança plenamente alfabetizada até os 8 anos em 2022 e que retoma uma padronização no pensamento pedagógico. O foco na alfabetização acaba por priorizar o fim – sem que haja realmente uma educação emancipadora e crítica, ao ter um recorte a alfabetização baseado nas Matemática e na Língua Portuguesa, o Todos pela Educação opta por um caminho produtivista e técnico – há de se priorizar aquilo que se configura útil por meio de uma pedagogia. Essa se traduz por meio da aplicação de uma pedagogia das competências – pedagogia essa que é uma atualização do Capital Humano¹⁵ e que se confunde com o neotecnicismo nas proposições do *Educação Já*, ao demonstrar um dos seus princípios norteadores de suas recomendações, como princípio 6 – que propõe conciliar uma agenda básica às demandas contemporâneas:

Como exemplo, será preciso introduzir de maneira mais intencional ao trabalho da escola o desenvolvimento de habilidades socioemocionais dos alunos (as chamadas “habilidades do século XXI”), como forma de potencializar a **aprendizagem** e permitir que a experiência escolar se aproxime das demandas atuais, em especial no que diz respeito ao mundo do trabalho (EDUCAÇÃO JÁ, p 34)

Na verdade, as “habilidades do século XXI” – a saber, conhecimento técnico e atitudes do sujeito para aprender a lidar com o dia a dia, o também chamado aprender a aprender – reproduz todo um conjunto de *valores* propostos pela teoria do capital humano, posto que lança sobre os indivíduos a responsabilidade de atender às demandas do “mundo

¹⁵ Ver também SAVIANI (2019), RAMOS (2008) e FRIGOTTO (2018)

do trabalho”, isso é, do capital. E então o *Educação Já* opta por constituir uma agenda pedagógica que anda de mãos dadas com – ou sendo fruto do – neoliberalismo. Isso porque, como aponta Saviani (2019), a pedagogia das competências tem como objetivo dotar os indivíduos de comportamentos flexíveis que lhes permitam ajustar-se às condições de sociedades em que não há garantia de sobrevivência.

A recomendação 3¹⁶ conta com um documento próprio¹⁷ feito em parceria com a Fundação Lemann¹⁸ e o Movimento Pela Base Nacional Comum¹⁹. O documento traz em sua problemática a necessidade de se adequar a Base Nacional Curricular Comum (BNCC-EI) em um empreendimento técnico através de ações diretas do Governo Federal (2018, p. 39). Para Hoeverler, os aparelhos privados de hegemonia são entendidos, assim, como uma sociedade particular (formalmente privada), que se torna o correspondente do aparelho governativo-coercitivo (2019, p. 149). A organização de caráter conglomerativo do Todos Pela Educação, ao se propor estabelecer pressão e servir com suas recomendações centrais o Governo Federal e deste sobre os demais entes federados (estados e municípios), acaba por afetar diretamente cerca de 26,7 milhões de estudantes²⁰. Portanto, por meio da ofensiva sobre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, o TPE assume seu caráter de ApH e que é legitimado por meio de outras fundações – as quais que defendem os interesses da burguesia para afligir todos os estudantes a partir da infância.

Já a recomendação 7²¹ do *Educação Já* propõe um aprofundamento de uma consciência neoprodutivista proposta pelo conglomerado sobre o mundo, aqui com recorte para a educação. A reforma do ensino médio sob a Lei nº 13.415/2017 é aprovada em 2017. Rosemeire Reis (2014) aponta que a reformulação do ensino médio substitui o conceito de educação como um direito, associando-a à aquisição de “competências e habilidades”, o que marca uma formação imediatista em que só se valoriza a Língua Portuguesa e a Matemática, suprimindo a obrigatoriedade não só da Filosofia e Sociologia, como também da História e

¹⁶ Recomendação 3: Oferecer apoio e incentivo às redes de ensino para a implementação da BNCC da educação infantil e do ensino fundamental, de modo a garantir a oferta de recursos e programas pedagógicos essenciais em todas elas. (*op. cit.*)

¹⁷ Acesso em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2020/09/Educacao_ja_3.pdf>

¹⁸ Fundação criada pelo bilionário Jorge Paulo Lemann, para mais; acesso em <<https://fundacaolemann.org.br/>>

¹⁹ Fundação ligada ao Instituto Lemann, acesso em <<https://movimentopelabase.org.br/>>

²⁰ Dados retirados do Censo Escolar 2020. Acesso em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-01/censo-escolar-2020-aponta-reducao-de-matriculas-no-ensino-basico>>

²¹ Recomendação 7. Avançar as discussões e definições já em andamento sobre a reorganização do ensino médio (mantendo a diversificação curricular, maior articulação da formação técnica e profissional e ampliação da carga horária) e apoiar Estados na implementação das mudanças estabelecidas. (*op. cit.*)

Geografia (2014, p. 1214). Para Angela Tamberlini, ao pretender nortear “o ensino, o aprendizado, a formação docente e o material didático em nossa sociedade”, a BNCC em muito se distancia da promoção da qualidade do ensino, visando apenas preparar os estudantes para as avaliações de larga escala do tipo Pisa, Programa de Avaliação dos estudantes da OCDE (pg. 10, 2019). Portanto, ao defender enquanto recomendação 7 a aceleração das inclusões da reforma do Ensino Médio, o *Educação Já* aprofunda a pedagogia neotecnista e das competências em um movimento hegemônico. E a particularidade da recomendação 7 é a pressão sobre os governos que viriam a assumir o executivo em 2018 em realizar com mais eficiência as mudanças aprovadas na Base Nacional Curricular Comum²².

Já o documento que dispõe da recomendação 7 tem o título de “Ensino médio: Reestruturação da Proposta da Escola” e traz em um diagnóstico levantado pelo Todos Pela Educação que reitera o caráter neotecnista e baseado nas competências. Como pode ser visto, a recomendação 7 tem em vista reelaborar o catálogo Nacional de Cursos Técnicos, envolvendo atores como Estados, Sistemas e empresas, de tal modo que o documento apresente competências e habilidades, por eixo tecnológico e por curso, visando à preparação básica para o trabalho (2018, p. 32). Ou seja, a atuação do TPE como ApH, por meio do *Educação Já*, é reverberada pela tomada das empresas como ator central na discussão da educação.

Esse movimento, nas duas recomendações, reforça o caráter hegemônico do conglomerado Todos Pela Educação, que tem como proposta em um dos seus argumentos reforçar a chamada “governança federativa” – uma das recomendações, que brevemente comentaremos e que compreende e define o Sistema Nacional de Educação (SNE). Para Araújo (2020) na proposição encontrada pelo projeto não há uma pactuação ou colaboração pela via da equidade federativa, e sim um arranjo que possibilite reforçar a institucionalização de acordos na atuação de agentes de interesse privado. Isso mostra uma força que, ao passo que é desigual – tendo em vista um afastamento da equidade federativa, também é combinada aos fatores hegemônicos que visam controlar e vislumbrar as políticas públicas voltadas à educação como a BNCC e o próprio SNE.

²² Ver também TPE (2019, 2020).

4. Um alento à pedagogia das competências

A pedagogia das competências é uma outra face da pedagogia do “aprender a aprender”, portanto, um refinamento das pedagogias tecnicistas e neotecnicistas baseadas na teoria do capital humano (Saviani, 2018, p. 440). Assim, a necessidade de enquadrar a escola dentro de uma lógica do capital, levantada e puxada por um empresariado nacional faz com que o relatório do *Educação Já* disponibilize e manifeste uma vontade expressa de difundir políticas públicas baseadas tão somente nos indicadores anteriormente apontados.

Os indicadores técnicos que são apresentados pelo relatório de lançamento de diagnóstico são divididos em “acesso à escola”, “permanência”, “rendimento escolar”, “aprendizagem” com recorte para as matérias de matemática e português e resultados no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Educação Já, 2018). Com Gaudêncio Frigotto, é possível ilustrar, nesse ínterim, um panorama teórico em que esses indicadores acabam por servir às necessidades de empregabilidade do capital, como mostra o autor:

Essas noções acabam por atribuir aos indivíduos, no bom credo da liberdade de escolha individual, a responsabilidade por seu desemprego ou subemprego: “Não sou empregável porque não escolhi um curso que desenvolveu as competências reconhecidas e de ‘qualidade total’ (Frigotto, 2018, p.42).

O Todos Pela Educação baseia-se no estudo da matemática e na língua portuguesa, como determinantes em seu diagnóstico, a ONG opta por uma decisão política e com um recorte nas competências que o capital e o neoliberalismo entendem como centrais: uma alfabetização que se dispõe a uma empregabilidade. Essa decisão revigora então uma lógica que é expressa em pesquisas feitas pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em parceria com o Todos Pela Educação, a qual mostra que 71% dos entrevistados pela pesquisa concorda que, quanto mais educação a pessoa tiver, maior será o salário dela (CNI, TPE, 2018).

Em seu diagnóstico para os princípios fundadores, o princípio 1 é o que determina a escolha por uma pedagogia das competências para inclusão de políticas na educação segundo o *Educação Já*. O princípio 1 é apresentado como “Aprendizagem para o desenvolvimento integral da pessoa” e é fundamentado sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como o artigo 205 da Constituição Federal, estabelece o “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (2018). Mas outros indicadores, apontam que, apesar de uma melhora nos salários, a relação educação *versus* salário não é imediata, como coloca Frigotto (2007), nem,

tampouco, uma certeza. Um *ranking* mostra que em 2019 a taxa de desemprego entre mestres e doutores no Brasil chegava a 25% e 35% respectivamente. Essa linha tênue entre educação *versus* salário fica, então, fragmentada e fragilizada dentro dessas perspectivas.

A iniciativa *Educação Já* insere dados baseados em pesquisas quantitativas (Educação Já, 2018, p.19) para analisar a situação da educação brasileira e inferir um diagnóstico para a mesma. E esses indicadores (Educação Já, 2018, p.27) fundamentam uma análise baseada no objetivo de, então, curar os problemas da educação, atingindo as metas propostas pelo conglomerado – o Todos Pela Educação.

Porém, os indicadores excluem um importante aspecto dentro de uma pesquisa: o critério subjetivo. A partir do momento em que as análises apresentadas pelo documento de 2018 do *Educação Já* se sustentam somente por esses números, que são em sua maioria delimitadores baseados no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - PISA – manifestação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE²³, isso faz com que a prevalência das pesquisas quantitativas determine o objetivo-fim, o que, assim, acaba por limitar a própria análise do documento apresentado. Tal fato mostra a prevalência da retomada do diagnóstico da teoria do capital humano como determinante para explicar as determinações da educação sobre o econômico²⁴. Assim, o *Educação Já* se abstém de uma pesquisa qualitativa: ao contrário, o projeto se baseia no modelo empresarial de pesquisa.

Por conta disso, uma consonância que exemplifica um sentido ideológico em seus estudos, passa a ser percebida ao analisar os dados apresentados pela iniciativa. Como diz Triviños (1987), as pesquisas qualitativas podem contar com o apoio de técnicas quantitativas, mas isso não é sempre necessário, e abster-se de seu uso não caracteriza a pesquisa como especulativa. Ainda assim, o *Educação Já* escolhe em todo o seu argumento uma construção lógica e formal baseada somente nos dados quantificados, como podemos ver ao longo da exposição da iniciativa as pesquisas apresentadas têm um cunho tão somente quantitativo, as pesquisas podem ser verificadas nas seções dos eixos dentro do documento (*Educação Já*, 2018). Essa é uma escolha política que também retoma um argumento baseado nas competências e no próprio neotecnicismo, conforme explicita Freitas (2014), que apresenta a quantificação sem a verificação da qualidade em seu texto sobre os reformadores da educação.

²³ Para mais TPE (2020);

²⁴ Frigotto (2012)

8. Considerações Finais

*Estranhem o que não for estranho.
Tomem por inexplicável o habitual.
Sintam-se perplexos ante o cotidiano.
Tratem de achar um remédio para o abuso
Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra.
Bertolt Brecht*

Ainda que haja um longo caminho a ser percorrido para estudos mais trabalhados acerca do *Educação Já*, o artigo levanta essas questões num sentido didático e introduzindo concepções críticas da educação para analisar os pontos indicados. Num momento drástico que vigora entre as eleições presidenciais que definiram Jair Messias Bolsonaro como uma tragédia anunciada pela democracia, o artigo analisa a farsa anterior a essa tragédia em âmbito educacional. Por meio também das seções anteriores, procurou-se construir uma tendência crítica e que visibiliza uma concepção totalizante do capital para a educação brasileira. Portanto, apesar das discussões apresentadas pelo artigo ainda serem de cunho inicial, é propósito do mesmo inquirir a dúvida sobre qual modelo de educação e onde esse modelo acabar por ser defendido dentro do país.

Nesse cenário, o Todos Pela Educação se vê em uma conjuntura propícia para pressão e disputa dos planos educacionais do governo. O futuro naquele momento mostrava-se promissor aos interesses do capital no Brasil. O conglomerado organizativo do TPE passa a atuar por meio dessa nova iniciativa – o *Educação Já* - diretamente em prol dos interesses de uma classe empresarial. Essa atuação é feita por meio da retomada das prerrogativas da teoria do capital humano, no aprofundamento das pedagogias das competências e numa lógica neoprodutivista aplicada à educação.

O *Educação Já* é composto por interesses que se mostram perspicazes a um recorte hegemônico de classe – a burguesia. Por meio de uma retomada das noções do neoprodutivismo trazidas por Saviani, o artigo se propôs a analisar criticamente os interesses desse projeto do empresariado. Para além do caráter pedagógico o projeto do TPE se configura em uma atuação orgânica do capital dentro da educação atuando sobre o Sistema Nacional de Educação. A disputa do SNE passa a abrir precedentes às diversas manifestações dos interesses burgueses trazidas por meio dos relatórios, artigos e produção do Todo Pela Educação. Com isso, o *Educação Já* assume um caráter central ao levar as discussões levantadas por essa lógica empresarial aos municípios, aos estados, por meio do Governo Federal.

Por onde trilhar o caminho da mudança? Não há uma única resposta, mas o método que traça um objetivo-fim a partir de dados técnicos e indicativos numéricos aplicados aos desempenhos de empresas não devem ser a resposta-fim de um problema tão complexo como a educação em um país. O modelo neoliberal expressado pelo Todos Pela Educação declara um sentido estrito que faz a educação restringir-se ao papel de meros reprodutores de conteúdos técnicos – culminando no fim da possibilidade de uma educação emancipadora. Exemplo-mor disso é mostrado ao adotar uma pedagogia baseada em competências e habilidades, em uma pedagogia baseada no neotecnicismo e em uma pedagogia que visa à empregabilidade e não garante ou propicia a formação crítica do *ser*.

Referências

- ANDES, Ditadura empresarial-militar teve grande impacto na educação brasileira. Acesso em <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/ditadura-empresarial-militar-teve-grande-impacto-na-educacao-brasileira1>
- ANTUNES, Ricardo. As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas do estranhamento (alienação). *Caderno CRH*, 15(37), 2006. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v15i37.18601>
- ARAUJO, Gilda Cardoso; NASCIMENTO, Rosenery Pimentel. “Educação Já!” e a governança federativa: a nova investida do movimento Todos Pela Educação na definição do Sistema Nacional de Educação. In: *Educar em Revista*, n.36, 2020. Acesso em <https://doi.org/10.1590/0104-4060.77534>.
- BASE, Movimento Pela. Fundação Movimento Pela Base. Disponível em: <https://movimentopelabase.org.br>. Acesso em: 16 set. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Compromisso Todos Pela Educação. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 15 set. 2021.
- EDUCAÇÃO, Todos Pela. 5 Metas do Todos Pela Educação. 2010. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/categoria/biblioteca/estudos/estudos-e-pesquisas/5-metas-do-todos/>. Acesso em: 17 set. 2021.
- EDUCAÇÃO, Todos Pela. EDUCAÇÃO JÁ. 2018. Elaborada por Todos Pela Educação. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/144.pdf. Acesso em: 15 set. 2021
- EDUCAÇÃO, Todos Pela. Governança. 2018. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/quem-somos/governanca/>. Acesso em: 16 set. 2021.
- EDUCAÇÃO, Todos Pela. Todos Pela Educação. 2006. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br>. Acesso em: 12 set. 2021.
- EDUCAÇÃO, Todos Pela. Recomendação 3 - Educação Já. 2018. Disponível em: https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2020/09/Educacao_ja_3.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.
- EDUCAÇÃO, Todos Pela. Recomendação 7 - Educação Já. 2018. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/415.pdf?981713837. Acesso em: 17 set. 2021.
- EDUCAÇÃO, Todos Pela. As 7 Recomendações do Educação Já. 2018. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/415.pdf?981713837. Acesso em: 18 set. 2021.
- ESCOLAR, Censo. Censo Escolar 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-01/censo-escolar-2020-aponta-reducao-de-matriculas-no-ensino-basico>. Acesso em: 21 set. 2021.
- FREITAS, Luiz Carlos. OS REFORMADORES EMPRESARIAIS DA EDUCAÇÃO E A DISPUTA PELO CONTROLE DO PROCESSO PEDAGÓGICO NA ESCOLA. SciELO, Brasil, 2014.

- FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutivo: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. (6ª ed.). São Paulo: Cortez, 2001.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. *Educação & Sociedade*, Campinas, volume 28, número 100, páginas 1124 a 1148, outubro, 2007.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Capital Humano. In: *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV-FIOCRUZA, 2008. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/caphum.html#:~:text=Gaud%C3%A0ncio%20Frigotto,categorias%2C%20no%C3%A7%C3%B5es%20ou%20simplemente%20voc%C3%A1bulos.>, acesso em 26/09/21.
- GOUNET, Thomás. *Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Volume 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. (5ª ed.). São Paulo: Loyola, 1992.
- HOVELER, Rejane Carolina. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. *Revista Práxis e Hegemonia Popular*. ano 4, n. 5, p. 145-159, ago./dez., 2019.
- INDÚSTRIA, Confederação Nacional da. *Ensino médio público não prepara bem para mercado de trabalho*. 2018. Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/rsb-42-educacao-basica/>. Acesso em: 23 set. 2021
- KONDER, Fábio Comparato. O regime empresarial-militar brasileiro (1964-1985). In: *Carta Maior*. 20/04/2020. Acesso em <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Memoria/O-regime-empresarial-militar-brasileiro-1964-1985-/51/47022>>, acesso em 26/09/21.
- LEMANN, Fundação. *Fundação Lemann*. Disponível em: <https://fundacaolemann.org.br>. Acesso em: 20 set. 2021.
- LIBERAL, Partido Social. *PSL - Somos Todos Bolsonaro; Plano de Governo 2018*. Disponível em: https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*. São Paulo: Usina Editorial, 2020.
- PINTO, Geraldo Augusto. *Organização do trabalho no século 20*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- REIS, Rosemeire. *Aprender na atualidade e Tecnologias: implicações para os estudos no ensino médio*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.39, n.4, p.1185-1207, out./dez. 2014. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade

- SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. (6ª ed.). Campinas: Autores Associados, 2018.
- TAMBERLINI, Angela Rabello Maciel De Barros. A reformulação do ensino médio: pontuando conceitos, desvelando sentidos, pensando caminhos. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58756>>. Acesso em: 27/09/2021 03:53
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução À Pesquisa em Ciências Sociais. Atlas, São Paulo, 1987.
- TROTSKY, Leon. A história da Revolução Russa. São Paulo: Sundermann, 2007.
- VASCONCELOS, Cláudio Beserra de. O discurso da democracia: imprensa e hegemonia da ditadura empresarial-militar brasileira (1964-1968). Tempo e Argumento. Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 365 - 401, 2019. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311282019365>, acesso em: 26/09/21.

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R696e Rodrigues, Vitor Diego
Educação Já : Uma proposta hegemônica empresarial para a
educação brasileira / Vitor Diego Rodrigues ; José dos
Santos Rodrigues, orientador. Niterói, 2021.
24 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências
Sociais (Bacharelado/Licenciatura))-Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia,
Niterói, 2021.

1. Todos Pela Educação. 2. Educação Já. 3. Educação
Tecnicista. 4. Produção intelectual. I. Rodrigues, José dos
Santos, orientador. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD -